

Série

**ORIENTAÇÕES PARA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

PLANEJAR



Série

**ORIENTAÇÕES PARA
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

PLANEJAR





© Senac-SP 2016

Administração Regional do Senac no Estado de São Paulo

Diretor do Departamento Regional

Luiz Francisco de A. Salgado

Superintendente Universitário e de Desenvolvimento

Luiz Carlos Dourado

Gerência de Desenvolvimento 4

Roland Anton Zottele

Gerência de Desenvolvimento 4 | Grupo Educação | Posicionamento Educacional e Representação Política

Ana Luiza Marino Kuller

Coordenação e Elaboração

Rosilene Aparecida Oliveira Costa

Consultoria Técnica

Ana Lúcia Silva Souza

Grupo Educação – Desenho Educacional

Rosiris Maturo Domingues

Grupo Educação – Supervisão Educacional

Marisa Durante

Colaboração

Grupo Educação – Posicionamento Educacional e Representação Política

Assistentes de Projetos Educacionais

Amanda Sousa de Oliveira

Paula Madeira Gomes

Edição e produção

Edições Jogo de Amarelinha



Série

ORIENTAÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A série Orientações para Prática Pedagógica tem como objetivo oferecer diretrizes, concepções e orientações sobre a prática pedagógica e, assim, contribuir para o alinhamento da ação educativa dos agentes educacionais do Senac São Paulo.

A série é composta inicialmente por cinco guias que abordam os aspectos que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem. São eles:

- **Jeito Senac de Educar**

Apresenta as diretrizes que fundamentam a prática pedagógica da instituição e consolidam o Jeito Senac de Educar.

- **Planejar**

Apresenta os principais aspectos que subsidiam e compõem o planejamento do processo de ensino e aprendizagem, destacando as características do Plano Coletivo de Trabalho Docente e do Plano de Aula.

- **Projeto Integrador**

Apresenta orientações sobre o desenvolvimento do trabalho por projetos: o planejamento do projeto integrador, as fases para o seu desenvolvimento, assim como a avaliação.

- **Mediar**

Apresenta orientações sobre a mediação docente, bem como a organização do processo de ensino e aprendizagem.

- **Avaliar**

Apresenta orientações sobre a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, abordando as dimensões da avaliação, o acompanhamento da evolução das aprendizagens e os instrumentos e estratégias para avaliar.

Este material foi construído colaborativamente pelos educadores do GEDUC, com importante contribuição das unidades escolares, inclusive aquelas que fazem parte do grupo Pontes.

Portanto, trata-se de um material dinâmico, em constante atualização, contemplando necessidades e expectativas de docentes e outros agentes educacionais, na busca da melhoria e aprimoramento contínuo da ação educacional.



SUMÁRIO

Introdução	7
1. O que é planejamento?	8
1.1 O docente e o planejamento	9
2. Planejamento da ação educativa	11
2.1 Dimensões do planejamento	13
2.2 O Plano Coletivo de Trabalho Docente e o Plano de Aula	15
2.2.1 Interdisciplinaridade, continuidade	18
2.2.2 Elaboração: Plano Coletivo de Trabalho Docente	21
2.2.2.1 PCTD: passo a passo	22
2.2.3 Elaboração: Plano de Aula	28
2.2.3.1 Plano de Aula: passo a passo	29
3. Replanejamento	36
4. O registro da ação docente	39
5. O planejamento e o atendimento a pessoas com deficiência	40
Bibliografia	46

The image features a large, abstract geometric pattern on the left side, composed of numerous overlapping triangles in various shades of blue and teal. This pattern is set against a white background that occupies the right side of the image. The word "INTRODUÇÃO" is written in white, uppercase letters, centered within the blue geometric area.

INTRODUÇÃO

Em quais situações você utiliza a palavra planejar e com qual sentido?

Neste livro, usaremos o vocábulo **planejamento** de forma abrangente, com a intenção de falar sobre o ato de planejar, que no Senac, é materializado no Plano Coletivo de Trabalho Docente (PCTD) e no Plano de Aula (PA) – falaremos sobre a natureza e as funções de cada um desses documentos também neste livro.

Para tratar desse assunto, traçamos um caminho que ajude a compreender os aspectos fundamentais do processo de planejamento, ferramenta essencial para organização e qualificação da prática educativa e que contribui para que os objetivos pedagógicos sejam alcançados. Os momentos dedicados ao planejamento favorecem a interação entre docentes e área técnica para que juntos possam traçar caminhos e estratégias que coloquem o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, principalmente em virtude do desenvolvimento dos Projetos Integradores (PI) previstos nos cursos.

Para dar conta desses objetivos, inicialmente, abordaremos as dimensões do planejamento, na perspectiva do Senac, bem como aspectos que subsidiam e compõem esse processo.

Em seguida, apresentaremos questões sobre as orientações para o planejamento da ação educativa, destacando as características do Plano Coletivo de Trabalho Docente, do Plano de Aula e da Interdisciplinaridade nos cursos do Senac.

Depois, falaremos sobre os aspectos que envolvem o planejamento e o replanejamento.

Por fim, associaremos o tema principal deste caderno à necessária discussão sobre o atendimento a pessoas com deficiência, no contexto Senac.

Boa leitura!

1. O QUE É PLANEJAMENTO?

O ser humano planeja o tempo todo. E você sabe por que faz isso?

Porque necessita achar caminhos para executar com êxito as suas tarefas, para alcançar seus objetivos e conquistar seus sonhos.

Planejamos quando queremos viajar, comprar uma casa, conseguir um novo trabalho ou começar um empreendimento. Planejamos sempre com a intenção de construir ou conseguir alguma coisa. Necessitamos organizar, logo, planejar para realizar desde as tarefas mais simples até as mais complexas e nas mais diferentes esferas de nossa existência.

Quando não há planejamento, a possibilidade de equívocos e da não concretização de nossas intenções pode ser grande.

Conforme Danilo Gandin (2011), é

... fundamental pensar o planejamento como uma ferramenta para dar mais eficiência à ação humana. É claro que é uma ferramenta de organização, de decisão. [...] o planejamento facilita as decisões e lhes dá consistência e auxilia na organização da prática (GANDIN, 2011) .

Na esfera escolar, o planejamento possibilita a organização das ações educativas e cria uma rotina de trabalho necessária ao processo de ensino e aprendizagem.



REFLITA

Quais são as suas experiências com planejamento escolar?

Você planeja a sua atuação pedagógica? Como? Em quais momentos?

Mas, antes de tudo, é preciso desmistificar que o planejamento é um ato burocrático realizado para constar em auditorias ou arquivos.

Em seguida, é preciso entender, conforme Celso dos Santos Vasconcellos (2005), que planejar é antecipar ações para atingir certos objetivos, que vêm de necessidades criadas por uma determinada realidade, e, sobretudo, agir de acordo com essas ideias antecipadas.



REGISTRE

O planejamento é:

- uma **ação** mobilizadora e intencional de expectativas institucionais e educacionais;
- um **documento** dinâmico dada a sua característica de estar em constante revisão, com vistas ao desenvolvimento das competências previstas para o curso ou atividade.

O planejamento possibilita a reflexão sobre nossas ações e o delineamento de um percurso a ser percorrido; possibilita prever resultados e riscos. Planejar qualifica nossas ações e suscita o aprofundamento dos saberes docentes que serão mobilizados na sala de aula.

1.1 O docente e o planejamento

Planejar faz parte do fazer docente e é uma das etapas mais importantes da organização do processo educativo. É realizado em função de uma intenção com vistas à concretização dos objetivos de ensino e aprendizagem, e tudo nele concorre para o desenvolvimento das competências previstas no curso.



REPERTÓRIO

O sociólogo suíço Philippe Perrenoud é um dos novos autores mais lidos no Brasil. Com nove títulos publicados em português, vendeu nos últimos três anos mais de 80 mil exemplares. O principal motivo do sucesso é o fato de ele discorrer, de forma clara e explicativa, sobre temas complexos e atuais, como formação, avaliação, pedagogia diferenciada e, principalmente, o desenvolvimento de **competências**. [grifo nosso]

Esse é um dos pontos mais reconhecidos de seu trabalho. "Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar uma série de situações", explica ele. "Localizar-se numa cidade desconhecida, por exemplo, mobiliza as capacidades de ler um mapa, pedir informações; mais os saberes de referências geográficas e de escala." A descrição de cada competência, diz, deve partir da análise de situações específicas.

MARANGON, Cristiane; LIMA, Eduardo. Revista digital Educar para Crescer, 01 ago. 2002. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/materias_296368.shtml>. Acesso em: 01 fev. 2016.

Um planejamento carrega a identidade de quem o elabora, contudo, por mais que pareça solitário, envolve a articulação com outros profissionais e áreas da instituição. É um documento contextualizado que mantém diálogo estreito com o que acontece na sociedade na qual estamos inseridos.

Ao desenvolvermos um planejamento, mobilizamos conhecimentos técnicos-científicos, princípios e valores, saberes que norteiam a nossa existência. Planejar requer do docente dedicar-se a estudos e pesquisas, exercitar sua criatividade para promover situações instigantes e significativas capazes de despertar o interesse e a participação dos alunos em busca do desenvolvimento das competências.



REFLITA

O docente pode "fazer o que quiser" na sala de aula?

Nesse contexto, precisamos refletir sobre a autonomia do docente durante o planejamento. Lino de Macedo (2005) explica que ser autônomo é fazer o que se quer, do jeito que se quer, na hora em que se quer. Ser autônomo é ser livre dos outros.

Ocorre, no entanto, que numa perspectiva construtivista, segundo esse mesmo autor:

... ser autônomo é ser parte e ser todo, ao mesmo tempo. Esta é a ideia de educação inclusiva, ou seja, ser parte e todo ao mesmo tempo. Sou eu naquilo que eu sou, na minha identidade. Ao mesmo tempo, eu sou sempre parte. Ter autonomia, nesse sentido, é ser responsável como parte e como todo, em uma relação (MACEDO, 2005).

Neste sentido, o docente tem autonomia para realizar o seu planejamento, contemplando a coerência e o alinhamento com as concepções e princípios institucionais, uma vez que ele faz parte de um todo organizacional. O planejamento do docente deve traduzir e prever formas para concretizar os resultados previstos para a formação proposta pelo curso.

Investir no planejamento é investir na melhor possibilidade de condução da ação educativa. O planejamento traz segurança ao educador, possibilita a ele que organize suas ações, antecipe necessidades e mantenha o foco nos objetivos a serem atingidos. O “planejar” contribui também para que o docente possa estabelecer prioridades e limites diante dos imprevistos e, entre outros aspectos, ampliar a sua capacidade de flexibilidade diante da realidade da sala de aula.

2. PLANEJAMENTO DA AÇÃO EDUCATIVA

O modelo educacional do Senac visa promover o desenvolvimento de competências profissionais tendo o **aluno como o centro do processo formativo**. Nessa perspectiva, sob a orientação do professor, que se coloca como mediador do processo, o aluno procura e constrói o conhecimento, há colaboração e todos aprendem.

A abordagem por competências junta-se às exigências do foco no aluno. (Proposta Pedagógica Senac São Paulo, 2005).



REFLITA

Como potencializar a aprendizagem dos alunos?

Essa abordagem direciona a elaboração do planejamento, está pautada nos objetivos formativos presentes nos Planos de Curso e volta-se para as necessidades e expectativas dos alunos. Assim, nosso olhar é direcionado para **como o aluno aprende**, para a busca de estratégias capazes de potencializar o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento das competências desejadas.

O processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de competências será retomado e aprofundado no livro **Mediar** desta **Série Orientações para prática pedagógica**, mas podemos adiantar que o planejamento deve ser elaborado para que a sala de aula seja espaço para um **aluno ativo**, que **dialogará com o planejamento docente a todo o momento**.

Por isso, mais uma vez, destacamos o **planejamento como um documento vivo**, que será revisitado inúmeras vezes ao longo do desenvolvimento do curso.

Ao planejar, é fundamental ter em mente que, uma sala de aula composta por alunos ideais ou idealizados e “padronizados” é uma ilusão. Uma sala de aula real é composta por alunos com diferentes traços identitários e que possuem características sociais singulares. **São alunos e alunas, e também os próprios docentes, que trazem a diversidade para o ambiente escolar.**



REGISTRE

O planejamento, parte fundamental do fazer docente, necessita ser elaborado para um grupo de alunos heterogêneo, intencionalmente organizado de forma que se possa exercitar o acolhimento de diversas realidades, incluir pessoas com deficiência e ser capaz de valorizar e lidar com a diversidade nas diferentes culturas.

É difícil prever no planejamento tempo e ritmos diferentes de aprendizagem dos alunos, **mas é preciso considerar tal realidade e ter em mente que as adequações necessárias para promover a aprendizagem de todos serão uma constante ao longo do percurso formativo.**

2.1 Dimensões do planejamento

No Senac, o planejamento educacional se apresenta em pelo menos três níveis com objetivos diferentes, porém interligados:

- **Planejamento Institucional Curricular:** está contido nos Planos de Curso (PCs), indica o perfil de formação profissional desejado e traz uma proposta geral para o percurso de aprendizagem e as orientações que pautam os processos avaliativos.
- **Plano Coletivo de Trabalho Docente:** é um plano elaborado por docentes e área técnica com a função de alinhar os objetivos e as estratégias que serão desenvolvidas durante o curso, com destaque para o Projeto Integrador. Esse documento favorece a coerência e a coesão das ações do curso todo, além de permitir o encadeamento das competências, um exercício de interdisciplinaridade para a integralidade da formação.
- **Plano de Aula:** tem o propósito de organizar o trabalho docente sempre em função da aprendizagem do aluno. Sua elaboração é norteadada pelo Plano Coletivo de Trabalho Docente e pelo Plano de Orientação para a Oferta – documento institucional produzido para cada curso.

Veja a seguir como esses planos se relacionam e onde estão inseridos no contexto Senac.

Figura 2 – Referenciais institucionais e sua relação com o planejamento no contexto Senac



Essa imagem representa a inter-relação entre os principais referenciais institucionais e sua relação com o planejamento docente.

Compreendemos que os tipos de planejamento elaborados para a organização do nosso trabalho estão interligados, os elementos são comuns, o que os diferencia são as dimensões e sua abordagem.



REGISTRE

No contexto Senac, o planejamento é o resultado de uma grande articulação que busca o melhor caminho para a aprendizagem do aluno.

2.2 O Plano Coletivo de Trabalho Docente e o Plano de Aula

Para a elaboração do **Plano Coletivo de Trabalho Docente (PCTD)** e do **Plano de aula (PA)**, devemos considerar:

os **princípios educacionais filosóficos e pedagógicos** presentes nos marcos referenciais e documentos institucionais;

as **competências** do perfil profissional de conclusão presentes nos Planos de Curso. Cada competência corresponde a uma Unidade Curricular;

os **elementos da competência**, os conhecimentos e habilidades e atitudes/valores que **são a base, os insumos para o desenvolvimento das competências** do curso;

os **indicadores da competência** que evidenciam o alcance do fazer profissional manifesto na competência;

o **Projeto Integrador** que é uma Unidade Curricular de natureza diferenciada, articuladora de todas as competências do curso;

a **Avaliação, as estratégias e os instrumentos** que serão utilizados para avaliar o desenvolvimento dos alunos.

Para elaborar o Plano de Aula, o docente traz o foco do planejamento para a **competência** tendo como norteador as decisões deliberadas pelo grupo de

docentes no Plano Coletivo de Trabalho Docente, e define como se dará especificamente a ação pedagógica, indicando sempre:

- **As Situações de Aprendizagem:** um conjunto de atividades articuladas e complementares que visam o desenvolvimento de uma ou mais competências ou a construção de um determinado saber – são planejadas e mediadas pelo docente. Para tanto, será necessário definir:
 1. **as estratégias:** tipos de atividades que promovem a participação do aluno para o enfrentamento de um desafio diretamente ligado ao desenvolvimento da competência;
 2. **as atividades:** ações pedagógicas para promoção da aprendizagem, alinhadas e coerentes com as metodologias ativas de ensino e aprendizagem;
 3. **os recursos:** insumos materiais, tecnológicos e infraestrutura (laboratórios) necessários para o desenvolvimento das atividades.



REPERTÓRIO

A metodologia ativa é uma concepção educativa que estimula a crítica e reflexão no processo de ensino e aprendizagem. O educador, neste caso, participa ativamente do processo, em situações que promovam aproximação crítica do aluno com a realidade. As principais metodologias ativas utilizadas atualmente são a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL, da sigla em inglês); a Metodologia da Problemática (MP); e a Aprendizagem Baseada em Projetos.

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/04/04/evento-discute-metodologia-ativa-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

Veja no quadro a seguir as principais características do Plano Coletivo de Trabalho Docente e do Plano de Aula:

Quadro 1 – Plano Coletivo de Trabalho Docente e Plano de Aula

Plano Coletivo de Trabalho Docente	Plano de Aula
<ul style="list-style-type: none">• Participação coletiva dos docentes que desenvolverão o curso.• Alinhamento dos objetivos e estratégias de todo o curso.• Definição sobre como se dará o desenvolvimento de cada competência e sua articulação e contribuição para a construção do Projeto Integrador.	<ul style="list-style-type: none">• Cada docente planeja o desenvolvimento da competência, de acordo com as orientações definidas no Plano Coletivo de Trabalho Docente.• Elaboração de situações de aprendizagem de acordo com os objetivos esperados.• Definição dos insumos que contribuirão para o desenvolvimento do Projeto Integrador.

Dadas as especificidades desses documentos, é importante considerar que, durante o planejamento, o docente precisa:

- apropriar-se dos principais marcos legais que orientam a educação profissional, como a Lei de Diretrizes e Bases, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e outros;
- ler e refletir sobre os princípios da Proposta Pedagógica do Senac São Paulo;
- conhecer o Plano de Curso e Plano de Orientação para a Oferta, para compreender integralmente o curso, bem como conhecer as competências previstas a serem desenvolvidas;
- buscar informações sobre a realidade sobre a qual irá atuar, inclusive os recursos físicos e técnicos aos quais terá acesso;
- ter informações sobre o perfil dos seus alunos.



SAIBA MAIS

Conheça os documentos que fundamentaram a produção deste material:

- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>;
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, disponível em: <<http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/51/pdf>>;
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>>.

2.2.1 Interdisciplinaridade, continuidade



REFLITA

O que é interdisciplinaridade? Como esse conceito se relaciona à prática pedagógica?

O grande desafio colocado para o modelo educacional do Senac é garantir a unicidade, a integralidade e a articulação das competências, bem como da prática pedagógica durante o percurso de formação.

Para isso, o planejamento da ação educativa precisa partir do conceito de interdisciplinaridade que, conforme Luck (1994), tem o objetivo de:

... promover a superação da visão restrita de mundo e a compreensão da complexidade da realidade, ao mesmo tempo resgatando a centralidade do homem na realidade e na produção do conhecimento, de modo a permitir ao mesmo tempo uma melhor compreensão da realidade e do homem como ser determinante e determinado (LUCK, 1994).



REPERTÓRIO

No campo científico, a interdisciplinaridade equivale à necessidade de superar a visão fragmentada da produção de conhecimento e de articular as inúmeras partes que compõem os conhecimentos da humanidade. Busca-se estabelecer o sentido de unidade, de um todo na diversidade, mediante uma visão de conjunto, permitindo ao homem tornar significativas as informações desarticuladas que vem recebendo.

O crescente interesse pelo estudo da interdisciplinaridade, atualmente, é verificado em várias pesquisas e, concomitantemente, observa-se a interação dos especialistas de diversas disciplinas, apontando o processo de reorganização do saber, conforme evidenciam os estudos de Lück (1995), Jolibert (1994), Petraglia (1993) e Fazenda (1992). Japiassu (1976, p. 52) salienta que **trata-se de um gigantesco mas indispensável esforço que muitos pesquisadores realizam para superar o estatuto de fixidez das disciplinas e para fazê-las convergir pelo estabelecimento de elos e de pontes entre os problemas que elas colocam.**

GARRUTTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 2, 2004.

Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/download/92/93>. Acesso em: 01 fev. 2016.

No contexto Senac, esse conceito vai além da visão de interdisciplinaridade “apenas” como “articulação” das unidades curriculares. Ele favorece:

- o exercício de afastamento e aprofundamento necessários para compreendermos o contexto no qual a unidade curricular está inserida e as especificidades dos saberes da unidade curricular;
- a articulação dos saberes presentes em cada unidade curricular.

Ainda neste contexto, é válido destacar que o planejamento deve propiciar a continuidade e a complementaridade das aprendizagens (entre uma competência e outra) no decorrer do curso.



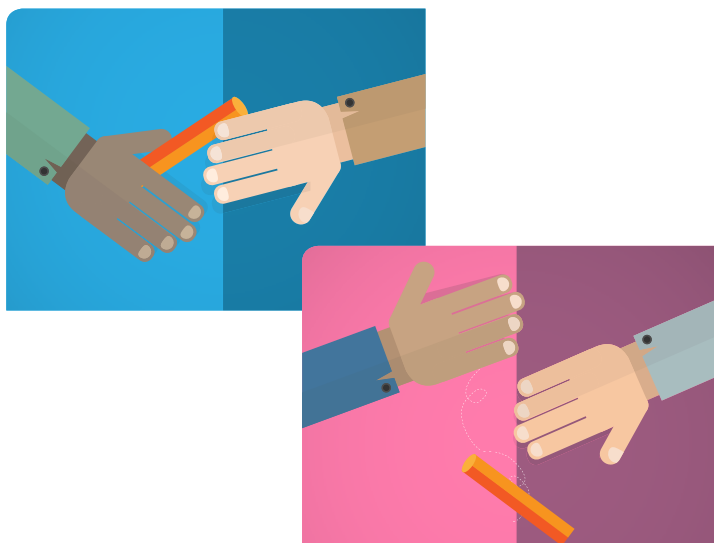
REFLITA

Como a competência que está sob sua mediação irá contribuir com a construção do perfil profissional e sua articulação com o todo?

Quais os saberes mobilizados pelas competências anteriormente previstas?

Como a competência que está sob sua mediação irá dialogar com a próxima ou com outras que poderão ser concomitantes a ela?

Para refletir sobre essas questões, pense na imagem de um corredor que passa o bastão para o seu companheiro de corrida.



Cada docente deve pensar no planejamento do curso de forma ampla para compreender e melhor organizar o seu fazer e propiciar ao aluno compreender que as aprendizagens se complementam e estabelecem relações, o que irá favorecer e também se concretizar na realização do Projeto Integrador.

Para isso, é importante firmar um compromisso de cooperação entre a equipe de docentes para que os objetivos colocados possam ser alcançados por todos os envolvidos nesse processo e, assim, possam promover a aprendizagem dos alunos.

2.2.2 Elaboração: Plano Coletivo de Trabalho Docente

Como comentamos anteriormente, o Plano Coletivo de Trabalho Docente é um plano geral em que são levantados e estabelecidos os parâmetros, limites e restrições de atuação do docente, considerando os recursos necessários e disponíveis para a realização do curso.

Tem por objetivo privilegiar o desenvolvimento das competências. Ele situa o projeto como norteador das situações de aprendizagem e define o caminho da ação pedagógica, ou seja, como o curso será desenvolvido e como será a sua organização.

O momento de elaboração do Plano Coletivo de Trabalho Docente favorece a integração da equipe e o alinhamento dos objetivos traçados pelo grupo. Assim, a construção desse documento se configura como um momento importantíssimo para mantermos a coerência e a coesão das ações do curso todo, além de permitir o encadeamento das competências, um exercício de interdisciplinaridade, para a integralidade da formação.

A elaboração do Plano Coletivo de Trabalho Docente acontece antes do início de cada turma e, por ser um instrumento de planejamento flexível, que dará subsídios durante todo o desenvolvimento do curso, necessita de revisões constantes.

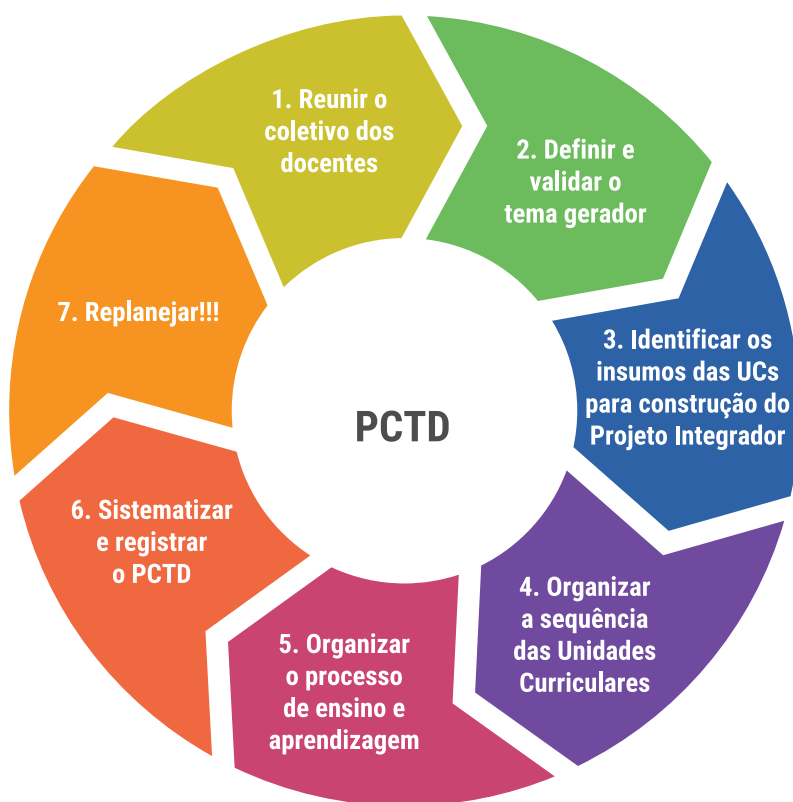
É construído pelos docentes e acompanhado pela equipe técnica de cada unidade:

- o técnico de área responsável pelo curso acompanha, contribui e valida a elaboração do PCTD;
- o técnico supervisor educacional acompanha, participa das discussões e orienta o grupo na elaboração do PCTD.

Outros técnicos e docentes poderão ser acionados para participar da reunião de elaboração desse documento, quando as propostas demandarem articulação entre as áreas, bem como outros profissionais, quando houver necessidade de informações sobre o funcionamento da unidade ou questões que poderão interferir no andamento do curso.

2.2.2.1 PCTD: passo a passo

Para organizar essa reunião, os profissionais envolvidos deverão seguir sete passos:



Passo 1: Contextualização

Para desenvolvermos o curso é importante ter a visão do todo, bem como promover a integração da equipe de agentes educacionais para garantir a coesão e alinhamento das ações.

Quais as características do curso?

Como o curso será desenvolvido?

Como se dará a interação entre os docentes durante o desenvolvimento do curso?

Assim, será necessário nas reuniões do PCTD:

- conhecer o Plano de Curso – PC e o Plano de Orientação para a Oferta– PO, para compreender integralmente o curso e também conhecer as competências previstas a serem desenvolvidas. O Plano de Orientação para a Oferta é o documento que orienta o planejamento do processo de ensino e aprendizagem e traz orientações para a implementação do Plano de Curso. Sugere situações de aprendizagem com foco no desenvolvimento de competências, subsidiando a construção do Plano Coletivo de Trabalho Docente e dos Planos de Aula. Os docentes devem ter acesso ao documento integral;
- ter informações sobre o perfil dos alunos (idade, escolaridade, atuação profissional, pessoas com deficiência);
- propiciar ao docente compreender como o curso foi organizado e como será desenvolvido;
- possibilitar a interação entre os docentes para o compartilhamento e troca de saberes e estratégias;
- alinhar concepções, metodologias e intencionalidades para que haja coesão e integralidade no curso – por isso, esse momento deve se constituir também como um momento de formação docente;
- conhecer os recursos disponíveis na unidade (salas, laboratórios).

Passo 2: Definição do Tema Gerador

O Projeto Integrador dá suporte às marcas formativas e promove a articulação entre as competências, constituindo-se como fio condutor do curso que se norteia pelo Tema Gerador a ser definido pelos docentes.

O Tema Gerador contribuirá para o desenvolvimento das competências do curso?

O grupo de docentes deverá discutir e validar o Tema Gerador, observando se ele atende aos seguintes critérios:

- ser significativo para os alunos;
- ser desafiador, estimular a pesquisa e investigação;
- estar contextualizado com a realidade local;
- mobilizar todas as competências.

Caso o Tema Gerador não atenda aos critérios estabelecidos, o grupo de docentes poderá definir outro Tema Gerador para o desenvolvimento do Projeto Integrador.

Passo 3: Insumos das UCs – Competência para o desenvolvimento do Projeto Integrador

O desenvolvimento de cada UC – Competência deverá contribuir para o desenvolvimento dos projetos dos alunos.

Quais os possíveis desafios (aprendizagens) decorrentes do Tema Gerador?

Quais os possíveis resultados que poderá resultar dessa competência que alimentará o projeto?

Analisar cada unidade curricular para:

- compreender o universo de cada UC – Competência, considerando seus elementos e respectivos indicadores (reduzir a possibilidade de abordagens repetitivas durante o curso);
- identificar e prever quais as aprendizagens (insumos, resultados, produções) de cada UC – Competência que poderão alimentar o desenvolvimento do Projeto Integrador, de acordo com o Tema Gerador;

- definir a articulação entre as Unidades Curriculares possibilitando a interdisciplinaridade.

Passo 4: Organização das Unidades Curriculares

O grande desafio colocado para o modelo educacional do Senac é garantir a unicidade durante o percurso de formação.

Como organizar o curso de forma a manter a articulação entre as competências?

O planejamento deve propiciar a continuidade e a complementaridade das aprendizagens (entre uma competência e outra) no decorrer do curso.

Definir a sequência das Unidades Curriculares – Competência e Projeto Integrador e outras de natureza diferenciada:

- alinhar entre os docentes a compreensão sobre cada Unidade Curricular – Competência, seus elementos e respectivos indicadores, de forma a definir o papel de cada Unidade Curricular e cada docente no desenvolvimento do aluno.

Passo 5: Organização do processo de ensino e aprendizagem

Como cada competência contribuirá com a construção do perfil profissional e sua articulação com o todo?

Como se dará a articulação e o diálogo entre as UCs-anteriores, posteriores e concomitantes para mantermos o alinhamento do curso e o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos?

Assim, para organizar o processo será importante:

- Elencar as possibilidades de abordagens pedagógicas (situações de aprendizagem e estratégias) mais adequadas para o desenvolvimento do curso.

- Discutir/definir o processo de avaliação, considerando os indicadores da competência, bem como os instrumentos e procedimentos de avaliação.
- Definir como se dará o processo de recuperação contínua e os momentos de feedback aos alunos.
- Estabelecer os acordos que contribuirão para a organização do curso: horário de registro de frequência, registros de avaliação, feedbacks, organização das turmas, entre outros.
- Orientar quanto à importância da constância e qualidade dos registros de desenvolvimento dos alunos.

Passo 6: Sistematizar e registrar

- Orientar os docentes sobre a necessidade e a importância dos registros de acompanhamento do aluno.
- Registrar as decisões, em especial dos acordos fechados pelo grupo.
- Prever momentos de replanejamento.

O registro é fundamental para que as decisões possam ser revisitadas e reconstruídas, bem como para subsidiar a entrada de novos docentes ou outros que não estiveram presentes nas reuniões.

Nesse sentido, ressaltamos o comprometimento com a leitura e apropriação do plano, o acompanhamento e a orientação da equipe técnica, além da comunicação eletrônica que poderá facilitar a interação do grupo.

O documento deverá ficar disponível e ser de fácil acesso a todos, para que se mantenha vivo e aberto a novas contribuições. Os envolvidos no processo podem sugerir datas, horários e meios para novas reuniões, sejam elas presenciais ou virtuais.

Figura 3 – Plano Coletivo de Trabalho Docente

Sugestão de itens para o Plano Coletivo de Trabalho Docente

- Data:
- Docentes:
- Curso:
- Turma:
- Tema Gerador do Projeto Integrador:
- Encadeamento entre as UCs para o desenvolvimento do curso (ordem em que as Ucs serão ofertadas), respeitando as indicações e os pré-requisitos estabelecidos no PC:
- Articulação das UCs – Competência e do Projeto Integrador:
- Insumos que cada UC – Competência trará para o projeto:
- Distribuição da carga horária da UC – Projeto Integrador ao longo do curso:
- Articulação da avaliação das UCs e UC PI:
- Outros:
- Observações:

Por fim, após a validação, adaptação ou criação de um novo Plano Coletivo de Trabalho Docente, cada docente deverá elaborar o seu Plano de Aula respeitando as definições e acordos firmados e as responsabilidades assumidas entre o grupo.

**REGISTRE**

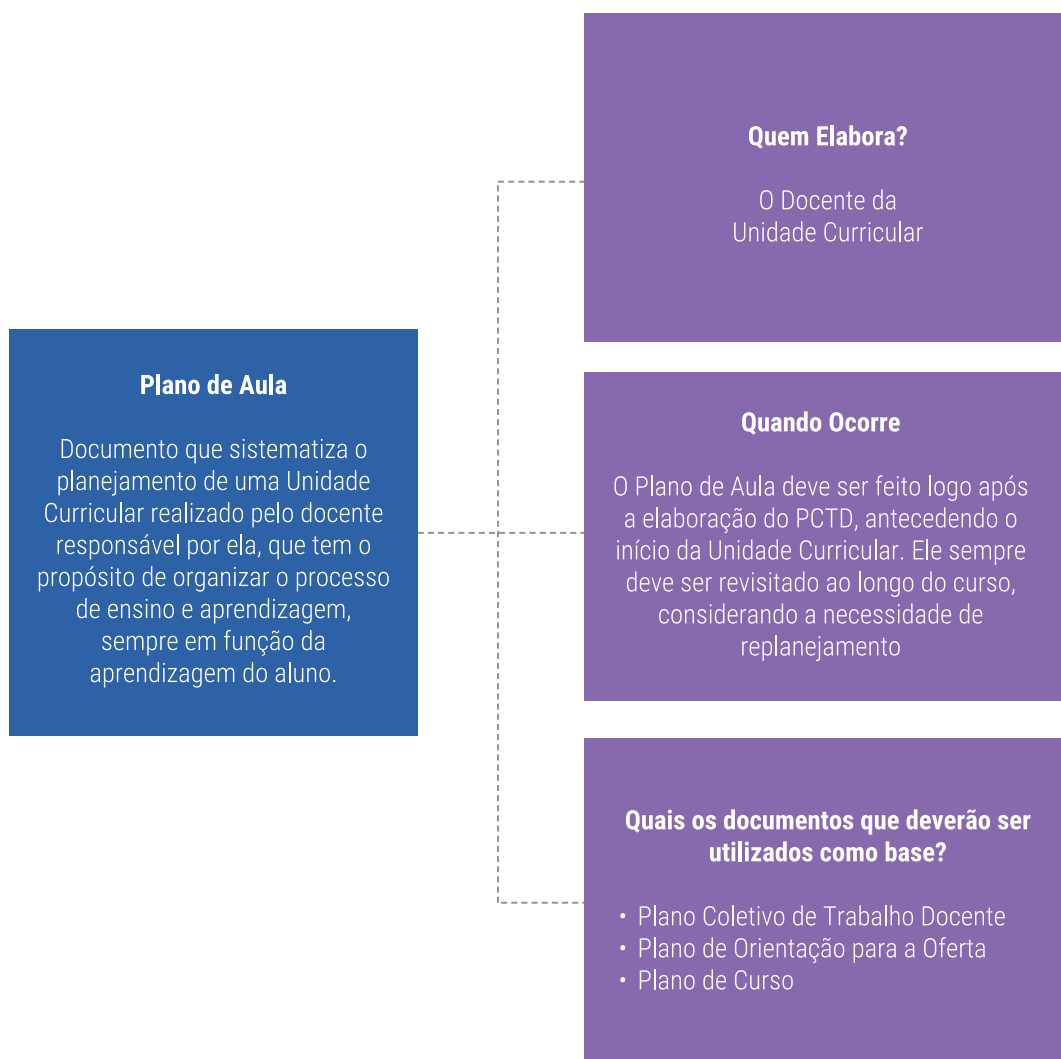
A frequência das reuniões é definida de acordo com as necessidades da operacionalização da turma, ora poderão ser intensificadas, ora poderão ser esporádicas.

2.2.3 Elaboração: Plano de Aula

Conforme comentamos, o Plano de Aula é realizado pelo docente para organizar o processo de ensino e aprendizagem e tudo nele concorre para o desenvolvimento das competências previstas.

Deverá ser elaborado pelo docente após as reuniões do Plano Coletivo do Trabalho Docente no qual foram estabelecidos acordos de responsabilidades.

Figura 4 – O Plano de Aula no contexto Senac



Os Planos de Aula e o Plano Coletivo de Trabalho Docente precisam ser revisados periodicamente, passar por adequações, com base nas leituras que o docente faz do grupo de alunos e de suas expectativas e necessidades apresentadas no decorrer do desenvolvimento do curso.

Em síntese:

- PCTD explicita a visão geral do curso e possibilita a interdisciplinaridade e a continuidade dos assuntos, conferindo um encadeamento das competências do curso;
- PA define o passo a passo, o detalhamento das situações de aprendizagem que cada docente irá desenvolver no curso em que atuará como mediador.

2.2.3.1 Plano de Aula: passo a passo



REFLITA

O que indica, para você, que uma aula foi boa? O que é uma boa aula?
Como planejar uma boa aula?

Não raras vezes nos deparamos com frases como:

“Essa aula de hoje foi ótima”; “Nossa, como essa aula rendeu”; “A aula de hoje valeu por todas as anteriores!”; “Eu queria que todas as aulas fossem como essa”.

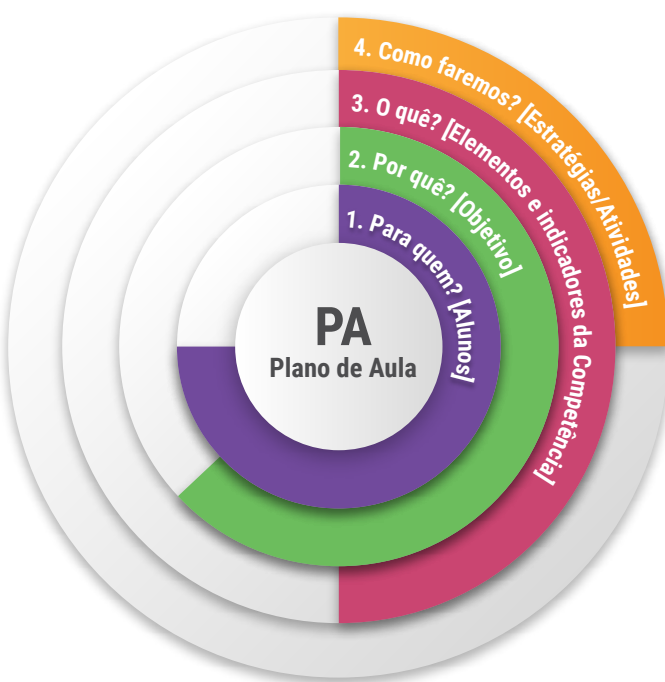
Nessas frases, percebe-se a referência a uma boa aula. Mas como a avaliação sobre ter uma boa aula difere de pessoa para pessoa, destacamos a necessidade de se garantir um bom planejamento para o sucesso da ação educativa.

Ouvimos invariavelmente que na Educação não existem receitas prontas que deem conta de todas as situações de aprendizagem. Cada docente tem uma

maneira diferente de pensar e de se organizar, e para o Senac, a autonomia do docente no planejamento é uma premissa.

Assim, para iniciar a elaboração de um Plano de Aula (PA) teremos de pensar nos principais elementos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e que irão impactar diretamente na qualidade da atuação pedagógica:

Figura 5 - Envolvidos no processo de ensino e aprendizagem



Portanto, analise:

1. Para quem (Alunos)?

Falamos anteriormente sobre o que deve figurar nos documentos educacionais (Plano de Curso, Plano de Orientação para a Oferta) e a importância de se definir claramente os objetivos de aprendizagem. A próxima questão que precisamos fazer é: **Para quem devemos planejar?**

Você deve se lembrar que o planejamento coletivo possibilitou a discussão sobre a previsão de um perfil de aluno, baseado em ofertas anteriores, no contexto da unidade, nas características da área.

É pensando no sujeito que deve ocupar todo o centro do processo de ensino e aprendizagem que o planejamento deve ser feito.

2. Por quê (Objetivo)?

Lembre-se que a **competência** é o ponto de partida para a elaboração de todo planejamento:

Ação/fazer profissional observável, potencialmente criativo, que articula conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e permite desenvolvimento contínuo.

Assim, ao planejar será importante considerar que a ação observável irá desdobrar-se em várias situações de aprendizagem. Cada situação de aprendizagem é composta por saberes que são os elementos da competência, e suas dimensões são os conhecimentos, habilidades e atitudes, norteadas pelos indicadores da competência.



REFLITA

Quais são os objetivos de aprendizagem?

O que é esperado como aprendizagem?

Os objetivos estão diretamente ligados ao desenvolvimento gradual da competência e serão desdobrados em situações de aprendizagem. Um bom Plano de Aula precisa ser coeso e coerente e garantir a continuidade e complementaridade entre as situações de aprendizagem, visando o objetivo final que é o alcance da competência traçada como meta.

3. O quê (Elementos e Indicadores da Competência)?

Após definirmos no planejamento os objetivos a serem alcançados, buscaremos os insumos que darão consistência a cada situação de aprendizagem.



REFLITA

Quais saberes serão mobilizados pelas situações de aprendizagem?

A recomendação é que cada situação de aprendizagem possa mobilizar as três dimensões da competência (elementos da competência): conhecimentos/habilidades/attitudes, contribuindo para maior significância e integralidade da formação. Essa construção se complementa ao definirmos os indicadores da competência relacionados a esta Situação de Aprendizagem.

Após a definição dos objetivos e dos insumos que são mobilizados pela situação, voltamos para os indicadores que se relacionam a cada situação.

Figura 6 – Situação de aprendizagem



4. Como faremos (Estratégias/Atividades)?

Depois de definirmos os elementos e indicadores da competência traçada, devemos nos perguntar: Quais as situações de aprendizagem que iremos organizar para propiciar o desenvolvimento dessa competência?

O “como” parte da análise dos objetivos a serem alcançados, dos elementos que compõem a competência e do perfil do grupo. Assim:

se quero que o grupo faça uma reflexão, uma atividade de leitura e um posterior debate podem ser uma boa opção;

se pretendo que as reflexões estejam direcionadas para uma situação de trabalho, um estudo de caso ou uma simulação podem contribuir para isso.

Acompanhe esses exemplos:

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

Objetivos: pesquisar e planejar roteiros para os públicos infantil e juvenil.

Elementos

- Conhecimentos: planejamento da city tour e passeios panorâmicos.
- Habilidades: gerenciar tempo das atividades e percurso.
- Atitudes/valores: sigilo e zelo no tratamento dos dados de clientes e fornecedores.

Indicadores

- Planeja roteiros turísticos contemplando as necessidades do perfil do passageiro, organizando serviços e atividades necessárias às suas execuções.
- Estabelece o percurso mais indicado para o roteiro ou itinerário definido.
- Organiza atividades opcionais conforme roteiro, demanda e condições locais.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2

Objetivos: identificar serviços de guiamoento para um roteiro de Ecoturismo para crianças.

Elementos

- Conhecimentos: equipamentos e utensílios para serviços de guiamoento.
- Habilidades: organizar a rotina e documentos de trabalho.
- Atitudes/valores: sigilo e zelo no tratamento dos dados de clientes e fornecedores.

Indicadores

- Planeja roteiros turísticos contemplando as necessidades do perfil de passageiro, organizando serviços e atividades necessárias às suas execuções.
- Estabelece o percurso mais indicado para o roteiro ou itinerário definido.
- Organiza atividades opcionais conforme roteiro, demanda e condições locais.

Em síntese, um Plano de Aula é a tradução da intencionalidade de formação, é uma ferramenta de trabalho do docente que sistematiza todas as situações de aprendizagem e os elementos e indicadores da competência a que se referem. Veja a seguir os itens essenciais para a elaboração de um PA com alguns exemplos:

COMPETÊNCIA
<p>A Competência é o ponto de partida para a elaboração das situações de aprendizagem.</p> <p>Transcrever a competência do Plano de Curso.</p> <p>Exemplo – UC5: Preparar e apresentar produções da culinária.</p>
TEMA GERADOR DO PROJETO INTEGRADOR
<p>Indicar o tema gerador que foi discutido e definido no plano coletivo de trabalho docente. O tema gerador precisa ser significativo para os alunos, ser desafiador, estimular a pesquisa e investigação, estar contextualizado com a realidade local e mobilizar as competências.</p> <p>Exemplo: Elaboração de produções culinárias em eventos.</p>
TÍTULO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<p>Inserir título da situação de aprendizagem (lembrar que a situação de aprendizagem é um conjunto de atividades articuladas e complementares que visam o desenvolvimento de uma ou mais competências ou a construção de um determinado saber). Para sua elaboração, considere o objetivo de aprendizagem para o aluno, nomeando o agrupamento de atividades programadas para esse objetivo.</p> <p>A situação de aprendizagem deve articular os elementos da competência e os indicadores relacionados que se pretende observar. Deverão ser previstas tantas situações de aprendizagem quanto forem necessárias para o desenvolvimento da competência.</p> <p>Exemplo: Preparo de pratos da Cozinha Regional Brasileira.</p>
DURAÇÃO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<p>Indicar a duração prevista, o número de horas necessárias para a realização de uma situação de aprendizagem, que tem duração variável e não está ligada necessariamente ao tempo da hora aula, podendo ter quantas horas o docente julgar necessárias.</p> <p>Exemplo: 12 horas.</p>
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<p>Descrever as atividades que compõem a situação de aprendizagem, indicando as estratégias que serão utilizadas no desenvolvimento de determinada situação de aprendizagem. Essas atividades são complementares e encadeadas. É importante diversificar as atividades de forma a atender as necessidades de aprendizagem de todos os alunos.</p>

Exemplo:

Atividade 1 – Discussão sobre os principais pratos que os alunos apreciam da Cozinha Regional Brasileira e listá-los.

Atividade 2 – Apresentação de vídeo sobre Turismo Gastronômico no Nordeste Brasileiro.

Atividade 3 – Identificação dos pratos listados pelos alunos e a culinária regional, observando: características, ingredientes, formas de preparo.

DESCRIÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM PARA O PROJETO INTEGRADOR

Descrever quais serão os insumos que subsidiarão a construção do projeto integrador, gerados no decorrer do desenvolvimento da competência ou das situações de aprendizagem ou das atividades. Esses insumos podem ser pesquisas, produções, relatórios e outros documentos ou aprendizagens que contribuam com a construção do projeto.

Exemplo: As aprendizagens sobre Cozinha Regional Brasileira e Internacional trarão desafios de contextualização para o tema do projeto dos alunos que é a culinária vegetariana, resultando em pesquisas de alimentos e cardápios.

ELEMENTOS

Liste os elementos relacionados a esta situação de aprendizagem. Lembre-se de considerar elementos de todas as naturezas: conhecimento, habilidade, valor/atitude.

INDICADORES

Descreva os indicadores da competência que se relacionam e que podem ser observados em determinada situação de aprendizagem.

Exemplo: Seleciona ingredientes brasileiros, de acordo com as especificidades de cada produção culinária.

AVALIAÇÃO

Indicar como o aluno será avaliado em determinada situação de aprendizagem, incluindo o instrumento utilizado para isso, tendo como foco a avaliação contínua.

Exemplo: Observação da construção coletiva da lista de principais pratos da cozinha nordestina e recebimento e análise do fichamento sobre a pesquisa sobre pratos listados pelos alunos.

RECURSOS

Defina os recursos a serem utilizados no desenvolvimento de determinada situação de aprendizagem.

Exemplo: Projetor, computador

Por fim, é preciso analisar como foi a dinâmica da aula, assim, saberá se os objetivos foram alcançados, tanto do ponto de vista do planejamento docente (a atividade surtiu o efeito desejado?) quanto em relação ao desempenho dos alunos. É essa análise que trará subsídios para o seu replanejamento. Em outras palavras, esse é um momento importante de avaliação em que:

- aluno avalia como foi a sua aula, se conseguiram alcançar os objetivos e expectativas de aprendizagem; e
- docente analisa se as situações de aprendizagem propiciaram o alcance dos objetivos.

3. REPLANEJAMENTO



REFLITA

O que significa **replanejar**? Essa palavra faz parte de sua atuação pedagógica? Se sim, quando ela é usada e com qual objetivo?

Replanejar significa planejar novamente, considerando o previsto no plano inicial e desenvolvido em uma aula ou em um projeto. O replanejamento qualifica a ação docente e exige um olhar crítico e reflexivo permanente.

A ação de replanejar se inicia ao concluirmos o Plano de Aula, mesmo que essa aula não tenha ocorrido. Por vezes, no café da manhã, lembramo-nos de um texto importante que poderia ter sido indicado no planejamento e não o foi; lendo um jornal ou um site nos deparamos com uma charge interessante que poderia ser discutida na aula; andando pela rua vemos um outdoor que anuncia uma exposição que pode ser motivo de uma visita técnica dos alunos, pois diz respeito a um assunto interessante ao grupo... Situações como essas já devem ter acontecido com você em alguma ocasião e o motivou a alterar o que já estava planejado, fazendo com que, ao final do dia, volte a avaliar os efeitos da intervenção projetada inicialmente.

O replanejamento também nasce da necessidade de ajustes para alcançarmos os resultados esperados no que se refere à aprendizagem dos alunos ou de parte deles. Deve considerar o anteriormente planejado como norteador para as alterações que poderão vir.



REGISTRE

O replanejamento pode ser (e deve!) ser realizado com os alunos, após, por exemplo, uma discussão sobre a síntese de uma determinada atividade, contribuindo para que eles sejam, de fato, protagonistas em seu processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, baseando-se na aula que você planejou e considerando a aula que efetivamente aconteceu, considere os seguintes pontos para pensar o replanejamento das próximas aulas:

- tempo para atividades e organização da aula;
- adequação das situações de aprendizagem – verifique o foco e os resultados esperados; analise a pertinência das estratégias, se elas favoreceram o desenvolvimento das competências;
- ações envolvendo a participação e o desenvolvimento de todo o grupo de alunos;
- necessidade de propiciar a superação de dificuldades nas próximas atividades;
- seleção de recursos adequados ao grupo e que devem favorecer a participação de todos.

Planejar e replanejar são ações que andam juntas.



REGISTRE

O planejamento é previsão de percurso; o replanejamento é revisão de percurso.

O replanejamento mantém o planejamento vivo e flexível, pois no andamento das aulas aprimoramos as percepções obtidas no diagnóstico inicial, porque estudamos, aprendemos com nossos pares e com nossos alunos.

Dessa forma, o planejamento precisa ser entendido como um processo cíclico que parte do diagnóstico de uma realidade a ser transformada. A sua temporalidade depende das condições de aplicação e exige um constante replanejamento.

Figura 7 – Processo cíclico



Tanto o Plano de Aula como o replanejamento devem ser registrados para comunicarem nossas decisões ao coletivo de docentes.

Dessa forma, o nosso convite é para que você docente torne a ação de planejar, em todas as suas dimensões, uma ação metódica e compromissada, fundamentada no trinômio reflexão/ação/reflexão; e que o exercício de planejamento e a elaboração de seus Planos de Aula possam ser um momento de balanço de seu próprio desenvolvimento como mediador, fundamental para sua formação contínua, suas práticas docentes, dentro e fora do Senac.

Conforme Sacristán (1998):

O plano para os docentes significa profissionalmente um tempo para dar oportunidade de pensar a prática, representando-a antes de realizá-la num esquema que inclua os elementos mais importantes que intervêm na mesma e que propõe uma sequência de atividades (SACRISTÁN, 1998).

4. O REGISTRO DA AÇÃO DOCENTE

O registro da ação docente é de extrema importância e precisa ser ressignificado e vivificado!

Fazer registros em diários ou outros documentos “formais” trouxeram um estigma ao registro como algo meramente burocrático; ou ainda para fins de supervisão e auditorias educacionais.

No contexto Senac, no entanto, compreendemos que o registro da ação docente:

- possibilita o distanciamento e a análise das ações, tanto do ponto de vista da ação docente quando do desempenho dos alunos;
- favorece a comunicação entre os docentes, facilitando o encadeamento das ações;
- é a memória do percurso formativo dos alunos.

Para tanto, é fundamental que o registro faça sentido para os docentes e, de fato, facilite o trabalho. As reuniões coletivas devem discutir a natureza, o formato e os objetivos desse registro.



REGISTRE

Nossa sugestão, para a realização de um registro eficiente, é que ele:

- seja objetivo e informativo: esse registro deverá dialogar com você e com outros docentes e atores;
- seja produzido com uma linguagem acessível e clara: suas observações devem ser acessíveis e informativas;
- tenha foco: o que deve ser registrado? Resultados das atividades, dificultadores e facilitadores, desempenho dos alunos etc.

5. O PLANEJAMENTO E O ATENDIMENTO A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA



REFLITA

Qual a sua experiência com pessoas com deficiência?

A presença de alunos com deficiência nas atividades do Senac é uma realidade. Todos os anos temos um número expressivo de atendimentos em todas as modalidades.

No entanto, esse atendimento ainda é permeado por dúvidas, estigmas e até mesmo resistência. Por isso, pensando em ajudar o docente a realizar o seu pla-

nejamento, elaboramos um material mais detalhado intitulado A educação profissional no contexto da educação inclusiva – Orientações Pedagógicas, disponível na intranet.

Antes de tudo, é importante desconstruir o rótulo para alunos com deficiência: alunos de inclusão. A Educação é única, é um direito garantido a todas as pessoas independente de suas características físicas, econômico-sociais, religiosas.

A educação é inclusiva.

A Educação Especial é uma modalidade que perpassa todas as modalidades do ensino. Ela surgiu como uma proposta de atendimento diferenciado para pessoas com deficiência, garantindo a essas pessoas as adequações necessárias a suas necessidades educativas.



VALE A PENA ASSISTIR



A Educação Inclusiva no Plano Nacional de Educação

Nessa edição do programa *Brasilianas.org* na TV Brasil, especialistas debatem o Plano Nacional de Educação: a Meta 4, que prevê a universalização da inclusão de alunos com deficiência na rede de ensino.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvrXM_EDtzs>. Acesso em: 16 fev. 2016.

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Artigo 2, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência)

Esse artigo tem inúmeras leituras e, para muitos, soa como a instauração de situações de exceção em que alguns alunos serão tratados com mais benefícios ou recursos que os outros.

É importante considerar que o destaque para o tratamento diferenciado para as pessoas com deficiência só se tornou necessário porque tínhamos um sistema padronizado de tratamento dos alunos, em que as diferenças e necessidades específicas de cada sujeito eram negligenciadas. E também, o histórico de segregação das pessoas com deficiência do convívio em sociedade dificultou a convivência na sociedade em âmbito geral, logo também nas escolas regulares.

Assim, para a promoção de um ambiente educacional inclusivo, que garanta a acessibilidade, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos, inclusive dos alunos com deficiência, são necessárias adequações, sejam de situações de aprendizagem, sejam de recursos didáticos para que os alunos acessem as informações e tenham oportunidades reais de desenvolvimento. Ocorre que essa questão é muito maior que uma orientação, é um compromisso, uma prática ética e cidadã.

Os primeiros contatos com os alunos com deficiência deverão ser feitos por meio da busca de informações que possibilitem conhecer, de fato, a pessoa que irá ingressar em determinado curso ou atividade; e da realização de uma avaliação diagnóstica direcionada para o levantamento de potencialidades e possíveis necessidades educacionais. Cada pessoa possui um percurso histórico, características próprias e comuns da sua idade, ou seja, são pessoas com anseios, desejos que buscam na Educação Profissional novas perspectivas de crescimento que impactarão sua vida.

Assim, para que possamos contemplar as necessidades educacionais específicas em nosso planejamento, precisamos, antes de tudo:



1. Conhecer o aluno

Devemos levantar as informações que auxiliarão o processo educativo desse aluno: seu percurso escolar; as tecnologias assistivas que utiliza no cotidiano; as expectativas e necessidades em relação ao curso ou atividade. Compartilhar com o aluno as situações de aprendizagem que poderão demandar a utilização de recursos para que possam decidir qual a melhor tecnologia e estratégias para potencializar a aprendizagem.

2. Identificar necessidades educacionais específicas

As informações sobre “Quem é o aluno” deverão ajudar os agentes educativos (área técnica/docentes) na análise dos documentos educacionais, principalmente o Plano de Orientação para a Oferta, para identificar os recursos e tecnologias que serão necessários, bem como as possíveis necessidades de adequações no currículo e flexibilização do tempo, ou seja, as adequações que possam facilitar e promover o seu desenvolvimento e permanência no curso.

3. Mobilizar Recursos

Buscar apoio e recursos necessários – tecnologias assistivas: impressão em braille, intérprete de Libras, arquivo digital, softwares e afins.

Metodologias ativas para a formação profissional possibilitam a vivência de situações comuns ao ambiente profissional. Assim, um ambiente inclusivo propicia

que os futuros profissionais convivam em meio à diversidade, desenvolvendo coletivamente alternativas para o trabalho colaborativo, para que cada um desempenhe o seu papel e encontre sua realização pessoal e profissional. Para tanto, uma mudança de olhar em relação às pessoas com deficiência se faz necessária, para que possamos abandonar um olhar viciado quanto aos aspectos referentes à incapacidade, quase sempre limitado e negativo, para outro aspecto que busca capacidades e talentos.

É possível lidar com as barreiras advindas da deficiência, utilizando **tecnologias assistivas** ou adotando estratégias e formas de ação que permitam executar a tarefa. Tecnologias assistivas vão desde uma fita adesiva que segura a folha para facilitar a escrita de um aluno com deficiência motora, que não controla os movimentos, até um software com leitor de tela. As tecnologias propiciam que o aluno possa interagir e desenvolver-se, ter autonomia, liberdade e maior participação.

Tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.
(Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência)

Assim, o que vemos é que há tecnologias desenvolvidas para a superação de barreiras referentes às especificidades decorrentes da deficiência. No entanto, é necessário evitarmos generalizações. Nem sempre uma pessoa cega lê em braille, nem toda pessoa surda utiliza Libras. A escolha da tecnologia mais adequada deve ser uma escolha do próprio aluno. Ele poderá nos informar qual a tecnologia que lhe é mais adequada. Assim, nem todas as pessoas têm acesso ou conhecem tecnologias ou tiveram a oportunidade de atualizarem os recursos que utilizam; nossa atuação nessas situações será de extrema importância para apresentar os recursos disponíveis no Senac e capacitar as pessoas para sua atualização.

Veja as principais tecnologias que utilizamos no Senac, de acordo com a necessidade e solicitação dos alunos:

	TECNOLOGIAS ASSISTIVAS
Deficiência Auditiva	<ul style="list-style-type: none"> • Intérprete de Libras • Imagens com legendas
Deficiência Visual (Pessoas cegas e pessoas com baixa visão)	<ul style="list-style-type: none"> • Softwares vocalizadores • Audiodescrição • Impressão em braille • Lupas • Impressão com letra ampliada • Contraste de cor
Deficiência Física	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptações de estrutura física • Adequações de mobiliários • Instrumentos adaptados: teclados, mouses e outros
Deficiência Intelectual	Para deficiência intelectual as adaptações são no âmbito das metodologias, com adequações nos planejamentos e planos de aula, proporcionado mais clareza e objetividade na condução das situações de aprendizagem



SAIBA MAIS

Para saber mais sobre esse assunto, leia o documento:

Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/experienciaseducacionaisinclusivas.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Celso. Como desenvolver competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, fascículo 8, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Resolução no 6, de 20 de setembro de 2012. Brasília: 1996.

BRASIL. ONU. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 29 de agosto de 2006. Brasília: 2006.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: no 9394/96.

DEFFUNE, Deisi; DEPRESBITERIS, Léa. Competências, habilidades e currículos da educação profissional: crônicas e reflexões. São Paulo: Senac, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GANDIN, Danilo. Planejamento Participativo. 2011. Disponível em: <http://danilogandin.com.br/planejamento-participativo/>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

GARRUTTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 2, 2004.

LÜCK, Heloísa. Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1994.

MACEDO, Lino de. Ensaios pedagógicos: Como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARANGON, Cristiane; LIMA, Eduardo. Revista digital Educar para Crescer, 01. ago. 2002. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/materias_296368.shtml>. Acesso em: 01 jan. 2016.

PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTAN, Gimeno et al. Educar por competências: o que há de novo? Porto Alegre: Artmed, 2011.

SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UNESCO. MEC. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Revista Nova Escola, 2005. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/planejar-objetivos-427809.shtml>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.